UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

39

INSCRIÇÕES 175-178

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
COIMBRA 1991

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'Encarnação
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves Dias
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga
ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja
Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos
Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.

Education et culture
Culture 2000

Depósito Legal Nº 191563/03

175

ARA A JÚPITER ENCONTRADA EM FREIXIAL DO CAMPO

FOTO 175

Ara ([1]) de granito acinzentado de grão fino, identificada, em finais de Junho de 1991, nas ruínas da antiga capela de Santa Catarina, na freguesia de Freixial do Campo (concelho de Castelo Branco), pelo jovem Cristóvão Mendes dos Santos ([2]). O local terá pertencido, no tempo dos Romanos, ao *conventus Emeritensis*.

O monumento — que se guarda na sede da Junta de Freguesia do Freixial do Campo antes de ser transferido para o Museu de Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco — está polido nas suas quatro faces. O capitel, liso em cima, é constituído por duas faixas salientes separadas por uma espécie de unha de igual largura. Apenas se regista fractura no canto superior direito. A base é uma ampla faixa reversa dotada inferiormente de espigão rudemente afeiçoado, para encaixe num suporte.

Dimensões: 82 × 29 × 29.

Campo epigráfico: 34 × 24.

DOQVIR/VS . BOV/I *(filius)* . VOTVM / IOVI . L(*ibens*) . / M(*erito*)

Doquiro, filho de Bóvio. Voto a Júpiter, de livre vontade, por mérito.

Altura das letras: l. 1: 4; l. 2: 4,2; l. 3: 4; l. 4: 5; l. 5: 4,1. Espaços: 1: 0,2; 2 a 4: 1,5; 5: 1,4; 6: 6,7.

([1]) Como se verá pela descrição, o monumento não apresenta, de facto, o capitel típico de uma ara; a possibilidade de ser parte integrante de um edifício, como que a servir de coluna, afigura-se-nos, porém, bastante remota.

([2]) Demos sucinta notícia das circunstâncias do achado no jornal «A Reconquista», de Castelo Branco, edição de 13 de Setembro de 1991.

Paginação segundo um eixo de simetria marcado pelo M final e chegada acima decerto porque o texto se destinava a ser lido de um nível superior ([3]). Vestígios de linhas auxiliares.

Caracteres actuários, regulares: O bem circular, Q de perna breve e oblíqua, R e B não fechados a meio, M e V simétricos, T de travessão muito curto. *Ductus* a denotar, de um modo geral, inclinação para a direita.

Se o nome do dedicante a preceder o teónimo é corrente nos primórdios do Império designadamente quando as epígrafes se destinam a lugares de culto — onde, por conseguinte, a identificação do dedicante funciona como primeiro elemento individualizante — o certo é que o texto apresenta uma sequência não muito comum, porque o teónimo está inserido a meio da fórmula votiva. Mas, se atentarmos melhor, acabaremos por verificar que, afinal, essa sequência até é mais lógica do que a estereotipia que, mais tarde, se implantará: o voto é feito a Júpiter de livre vontade e atendendo aos merecimentos da divindade, ou seja, em reconhecimento de graças concedidas. Aliás, este esquema textual está documentado noutros monumentos da mesma época e estará decerto relacionado não apenas com o grau de romanização mas também com uma determinada atitude mental e religiosa ([4]).

([3]) Esse dado e a existência do espigão levam-nos a pensar que esta epígrafe e as demais que certamente a acompanhavam seriam colocadas em bases mais largas mas no solo. Daí se poderá concluir também que estamos perante um local de culto tradicional e tudo leva a crer que o culto a Santa Catarina tenha, pois, vindo substituir, nos primórdios do Cristianismo, a devoção que os Romanos aí manifestavam ao deus Júpiter.

([4]) Numa ara a Endovélico (IRCP 526), lê-se: *Q. Sevius Q. f. Pap. Firmanus votum deo Endovolico s. l. m.*; numa epígrafe de Guimarães: *Antonia Rufina voto Ninphis* [*sic*] *Lupianis libens animo posuit* (CIL II 6288; José d'ENCARNAÇÃO, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* [= DIP], pp. 224-226); num ex-voto de Terras de Bouro (DIP, pp. 253-255): *Anicius Arquli votum libens Ocaere solvit*. Citemos, ainda, como exemplo curioso de formulação mais literária que epigráfica, um texto de Olisipo: *I(ovi) Assaeco votum animo lubens M. Caecilius Caeno solvit* (AE 1950, 257; DIP, pp. 206-208).

Quanto à fórmula *votum solvit libens merito*, não dispomos ainda de elementos bastantes para que se identifiquem tendências (de âmbito cultural, cronológico e/ou religioso) na sua utilização. Afigura-se-nos, de momento, que não é muito frequente na Lusitânia (duas ocorrências no *conventus Pacensis* — IRCP, p. 880) e que ao vocábulo *merito* se deverá atribuir uma conotação de encómio aos poderes divinos manifestados na intervenção sobrenatural solicitada. Neste aspecto, a frase utilizada por M. Fannius Augurinus no ex-voto que dedicou a Endovélico pode considerar-se

O dedicante identifica-se à maneira indígena (um só nome e o patronímico sem *filius*) e detém uma onomástica tipicamente lusitana ([5]).

Mais um testemunho do culto a Júpiter por parte dum indígena, numa região onde os achados de ex-votos a esta divindade se multiplicam consideravelmente ([6]). Há mesmo, em relação a alguns deles, semelhanças tipológicas e textuais flagrantes, a denotar identidade de oficinas lapidares ([7]). Por outro lado, acentua-se a tendência para se confirmar a já referida (nota 3) continuidade de tradições locais de culto desde tempos pré-romanos aos nossos dias, porquanto é frequente a reutilização de aras em ermidas cristãs.

Pela paleografia, pela estrutura textual e pela forma de identificação do dedicante é monumento datável da primeira metade do século I da nossa era.

ROGÉRIO CARVALHO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

---

assaz significativa: *merito hunc deum sibi propitiatum*, que traduzimos «merecidamente para que este deus lhe seja tornado propício» (IRCP 495), mas que também se pode entender «merecidamente por este deus lhe ter sido propício», considerando a fórmula em acusativo absoluto.

([5]) *Do(c)quirus* está bem atestado na Egitânia, com, pelo menos, cinco testemunhos (ILER 2423, 4537, 4838, 4855 e um outro ainda inédito) e, de um modo geral, na Lusitânia: cf. «Conimbriga» 21 1982 140-141; IRCP, p. 688; FE 19 (Covilhã), 138 e 139 (Nelas).

Bovius surge como gentilício em Torres Vedras («Conimbriga» 21 1982 38), decerto numa utilização mais de acordo com a sua origem e etimologia latinas. Aliás, já M.ª Lourdes Albertos pusera a hipótese de se tratar de nome latino (*La Onomástica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Bética*, Salamanca, 1966, 60). Terá havido, contudo, uma adaptação a nome único indígena, como frequentemente acontece, perdendo-se a primitiva noção de gentilício. Além dos quatro exemplos citados por Vasco Mantas (com a ressalva de que o texto de Egitânia é o n.º 101 do *corpus* de D. Fernando de Almeida e não o n.º 40 como, por gralha, vem indicado), refira-se FE 151 (da Chamusca).

([6]) Cf. Jorge de ALARCÃO, *Roman Portugal*, II-1, Warminster, 1988, pp. 63-75 *passim*: cerca de uma vintena de referências que permitem completar, desde já, o mapa traçado por J. Cardim RIBEIRO («Sintria»1-2 1982-1983 256).

([7]) Ver, por exemplo, o texto da ara de Orjais («Conimbriga» 21 1982 135-142) designadamente do ponto de vista da organização textual, da paleografia e da inscrição de *Iovi* e de *votum* por extenso.

FOTO 175

FOTO DE ROGÉRIO CARVALHO

176

ARA VOTIVA DE NINHO DO AÇOR

FOTO 176

Fragmento de ara votiva romana, recolhido em Ninho do Açor, localidade pertencente à freguesia do mesmo nome, concelho e distrito de Castelo Branco, cujo território, na época romana, estaria certamente integrado no *conventus emeritensis* ([1]).

A epígrafe encontrava-se no quintal da casa de Joaquim Pedro Júnior, que a retirara de uma parede da casa, aquando da realização de obras de beneficiação, e agora a utilizava como pedra de amolar (daí o grande desgaste na face lateral esquerda). Ofereceu-a, por nosso intermédio, ao Museu de Tavares Proença Júnior, de Castelo Branco, onde deu entrada em Novembro de 1986 e ficou registada sob o n.º 86 124.

De granito róseo de grão fino, profundamente desgastado em toda a sua superfície, o fragmento representa a metade inferior de um altar: da inscrição restam as três últimas linhas, apenas perceptíveis, e um estrangulamento visível em baixo, que indicia a primitiva moldura-ção da base.

Dimensões: (35) × 29/25 × 16.

Campo epigráfico: 27 × 28/24,5.

[...] / DE . SVO / BANE (?) / V(*otum*) . L(*ibens*) . S(*olvit*) .

(...) *a expensas suas, a Bane* (?) *cumpriu o voto de livre vontade.*

Altura das letras: l. 1: 4,1; l. 2: 4; l. 3: 5,2. Espaços: 1: 3,9; 2: 3; 3: 1,5/2,9; 4: 11,2.

([1]) Cf. Jorge de ALARCÃO, *O Domínio Romano em Portugal*, Mem Martins, 1988, p. 58.

Se o teónimo estiver na penúltima linha, como propomos, a inscrição conteria um total de cinco/seis linhas, identificando-se o dedicante nas duas ou três primeiras.

Afigura-se-nos defensável a leitura da actual l. 1: do D só desapareceu a haste vertical no desgaste; o E distingue-se mal (a barra superior estará recuada, a intermédia apenas esboçada e a inferior parece obliquar para baixo, a não ser que se trate de sulco posterior); a seguir, vemos um ponto em forma de vírgula; SVO — com o S inclinado para diante, como acontece também na última linha, o V um tanto apagado, o O redondo) — lê-se bem. Não é usual esta menção *(de suo)* em textos votivos, designadamente em meio rural e para monumentos de proporções modestas como este, uma vez que essa deveria ser a atitude normal, mandar colocar o monumento a expensas suas (2). Tal circunstância poderia levar a rever a leitura das duas primeiras letras: serão OT, considerando-se ocasionais e posteriores os traços que interpretámos como barras dum (suposto) E? Nesse caso, teríamos a terminação duma abreviatura e ocorre-nos de imediato a expressão EX VOTO SVO. Haveria, porém, uma escusada repetição da palavra *votum*, cuja identificação na fórmula final não padece dúvidas (3). Por outro lado, outros testemunhos parecem apontar no sentido de poder considerar-se essa referência muito própria desta zona (4).

Na actual l. 2, o B inicial parece claro — falta-lhe somente a metade esquerda — o que afasta, por exemplo, a possibilidade de se ler IOVE (por IOVI). A segunda letra, devido aos seus contornos triangulares, apresenta-se em jeito de A muito largo de que estaria pouco perceptível já a metade inferior; o sulco vertical que se lhe segue, se não tiver sido posterior, poderia ser a haste de um N em nexo, circunstância que justificaria, quiçá, a ampla abertura da vogal.

---

(2) Dos exemplos citados por Hübner (CIL II p. 1175), apenas um (CIL II 2326 = ILER 418) se integra, de facto, num texto votivo mas o ambiente é urbano e o monumento uma estátua sumptuosa mandada erguer por testamento, a que Emília Artemísia *de suo annulum aureum gemma meliore addidit*.

(3) Nos testemunhos identificados no CIL II (p. 1175) em nenhum se verifica tal repetição; no *conventus Pacensis* a expressão «ex voto» ou surge isolada no final do texto ou é seguida de uma forma verbal como *posuit* (cf. IRCP, p. 879).

(4) Sem nos referirmos agora aos textos funerários (cf. FE 177), diremos que, no museu de Castelo Branco, há mais duas epígrafes votivas onde a fórmula surge: *vide* José Manuel GARCIA, *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, 1984, n.os 9 e 14.

A superfície está, de seguida, muito gasta, mas a leitura de um E (um pouco mais alto que as demais letras) afigura-se plausível. Depois dos dois pontos — também eles inusitados — nada parece ter estado escrito algum dia. Inscrever nessa linha o teónimo não é, todavia, de estranhar no âmbito da epigrafia votiva da região ([5]); e a hipótese de se ler BANE (= BANDE?) é sugerida fundamentalmente pela presença do B ([6]).

A fórmula final — sem A(*nimo*) — é de todo o texto o que melhor se lê: V de hastes levemente encurvadas, L quase em ângulo recto, S inclinado para diante e claramente resultante, na gravação, da junção parcial de dois O.

Apesar dos poucos elementos paleográficos disponíveis, dataríamos o monumento do século I da nossa era.

ROGÉRIO CARVALHO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

([5]) Cf., a título de exemplo: de Egitânia, ILER 218, 232 e 683; FE 26 (de Penamacor) e 74 (de Fornos de Algodres); GARCIA, *o. c.*, n.os 10 (de Zebreira), 13 (de Alcains), 18 (do Monte de S. Martinho).

([6]) De Ninho de Açor procede FE 150, monumento a propósito do qual considerámos a probabilidade de ter existido aí um culto organizado aos deuses indígenas *Arentius* e *Arentia*.

FOTO 176

UMA PLACA FUNERÁRIA DO MUSEU DE CASTELO BRANCO

FOTO 177

Guarda-se no Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior, de Castelo Branco ([1]), uma placa funerária romana a que se atribui na ficha de inventário (onde detém o n.º 86.1) a procedência de Ninho do Açor (freguesia do concelho de Castelo Branco).

Trata-se de uma placa paralelepipédica, de granito de cor amarelada (devida à abundância de feldspatos) e de grão médio. O monumento é em tudo semelhante aos monumentos funerários deste tipo identificados na região; sofreu, no entanto, as mais diversas fracturas, nomeadamente nos cantos superiores esquerdo e direito, as quais lhe levaram a quase totalidade da moldura (resta o canto inferior direito), boa parte da l. 1, tendo afectado também o começo e o final da l. 2. A moldura era de cordão duplo, a limitar um campo epigráfico rebaixado, alisado mas de estrutura rugosa. As faces inferior, lateral direita e superior estão alisadas, definindo-se aí superfícies regulares, embora sem polimento; a face traseira está em tosco. O bloco não apresenta quaisquer sulcos ou ranhuras: destinava-se, decerto, a ser incorporado num edifício funerário.

Dimensões: 36 × (88) × 47.

Campo epigráfico: 29 × 72.

[RVF?]INO CALLAE[CI? *(filio)*] / ET CAMALAE P̣ OLLI *(filiae)* / MODESTVS PATRI EṬ MATRI / DE SVO F*(aciendum)* C(*uravit*)

A Rufino (?), filho de Caleco (?) e a Câmala, filha de Polo — Modesto ao pai e à mãe mandou fazer, a expensas suas.

([1]) Cumpre-nos agradecer à nossa prezada amiga Dr.ª Clara Vaz Pinto, directora do museu, a autorização que nos concedeu para este estudo e todas as facilidades que para o efeito teve a amabilidade de proporcionar-nos. Segundo o Dr. Pedro Salvado, que já em Julho de 1966 nos dera uma primeira informação acerca do monumento, ele foi achado em reutilização.

Altura das letras: l. 1: 5,5; l. 2: 5,3; l. 3: 5,5 (T = 6,3); l. 4: 4. Espaços: 1: 2; 2 e 3: 1,5; 4 e 5: 1.

O decréscimo dos módulos das letras denuncia a colocação da epígrafe num monumento funerário a altura acima do horizonte habitual do olhar. Ocupou-se todo o campo epigráfico em altura e, pelo que nos é dado perceber, igualmente no sentido longitudinal; na última linha, não se seguiu um eixo de simetria, como seria de esperar. O recurso ao uso de T maior e ao nexo na l. 3 justifica-se para se manter uma distribuição lógica do texto por linhas: a identificação do pai na l. 1, a da mãe na l. 2, do dedicante na l. 3 e, por último, a fórmula final na l. 4.

Caracteres do tipo capital quadrado: O bem circular, A e M simétricos e com a barra esquerda menos profunda para obtenção de um bonito efeito de claro-escuro. Na l. 3, houve da parte do lapicida uma certa hesitação na interpretação da minuta: assim, em vez de I (de PATRI) seguido de ET, gravou o I acima do nível superior das demais letras, cortou o E em cima como se fosse T e deixou o T alevantado mas sem barra horizontal (como, de resto, também parece ter acontecido em *Modestus* e em *patri*).

Atendendo ao que falta do M na última linha e ao módulo dos caracteres, haveria, na l. 1, espaço para apenas mais duas/três letras antes do presumível I (de que só resta um breve trecho inferior). Apesar da fragilidade do argumento, propomos reconstituir RVFINO (de preferência, por exemplo, a SABINO) com base na circunstância de ser este um dos nomes mais frequentes no termo de Egitânia. O patronímico, *Callaecus*, cognome latino que deriva do etnónimo *Callaeci* (2), não está muito documentado na Península Ibérica: identifica um habitante de Collipo (CIL II 353 = ILER 5303), um cidadão de Mérida (ILER 6210) e atesta-se — com a grafia *Callecus* — em Barruecopardo, Salamanca (ILER 3279). A possível relacionação com um estrato populacional oriundo da Calécia não é, pois, de menosprezar, tanto mais que a mãe detém um nome tipicamente bracarense (3).

(2) I. Kajanto (*The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 52 e 198) integra-o no número dos cognomes honoríficos que os senadores recebiam em consequência de vitórias alcançadas e apenas menciona como exemplo D. Júnio Bruto, cognominado «O Calaico» em 133 a. C. («qui postea Callaicus apellatus est»), justamente por ter submetido os *Callaeci* e os *Lusitani*.

(3) «A maior concentração de achados aparece na província portuguesa do Minho, pelo que cremos que é um nome típico da Bracarense que se estendeu para

Não obstante a incorrecta gravação do P (inusitadamente aberto para a retaguarda, em jeito de gancho), não se nos afigura problemático reconstituir *Polli* como patronímico da mãe. *Pollus* é, porém, um cognome muito raro ([4]): da Península Ibérica só conhecemos, até ao momento, mais um testemunho (FE 60), igualmente como patronímico, em Escalos de Cima (também no concelho de Castelo Branco).

Modestus é, por seu turno, um dos antropónimos mais correntes, inclusive em meio indígena ([5]).

De salientar, ainda, a marca de prestígio e de poder económico subjacente à fórmula *de suo f(aciendum) c(uravit)* que, inspirada nos modelos epigráficos próprios da pública benemerência, ora nos deixa imaginar a grandiosidade do monumento (um mausoléu quiçá). Também neste pormenor — menção de *d(e) s(uo)* em monumentos funerários — a epigrafia da região nos deixou outros exemplos significativos: ILER 4852 (que é também, inclusive, dedicatória *patri et matri* com T maiores e TR em nexo) e 5141; José Manuel GARCIA, *Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, 1984, n.os 26 e 38; o n.º 128 do *corpus* elaborado por D. Fernando de Almeida ([6]).

Pelo formulário e pela paleografia, é monumento da primeira metade do século I da nossa era.

ROGÉRIO CARVALHO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Sul e para Leste» (M.ª Lourdes ALBERTOS FIRMAT, *La onomástica personal indígena del noroeste peninsular (astures y galaicos)*, «Actas del III Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas», Salamanca, 1985, pp. 255-310, concretamente pp. 275-276, mapa 4).

([4]) Kajanto (*o. c.*, pp. 243-244) considera-o uma corruptela de *Paullus* e somente atesta a popularidade do feminino, *Polla*.

([5]) *Vide* Kajanto, que aponta a menção de mais de 450 testemunhos no conjunto do CIL (*o. c.*, p. 68 e 263). Para a Península Ibérica: ILER, pp. 721-722. Da região a que este monumento pertence e sem nos referirmos ao cognome *Modestinus* que com ele obviamente se relaciona, indicamos, a título de exemplo: ILER 1772, 3680 e 4860 (todos da Egitânia), 4950 (de Barca d'Alva); FE 101 (de Santo Estêvão, Sabugal).

([6]) *Egitânia*, Lisboa, 1956, p. 222. Valerá a pena reflectir, a este propósito, sobre a ocorrência nesta área da Lusitânia da frase *ex patrimonio suo* usada precisamente por um Modestinus: cf. Vasco GIL MANTAS, *Orarium donavit Igaiditanis: epigrafia e funções urbanas numa capital regional lusitana*, «Actas 1er Congreso Peninsular de Historia Antigua», II, Santiago de Compostela, 1988, pp. 415-439, sobretudo p. 432.

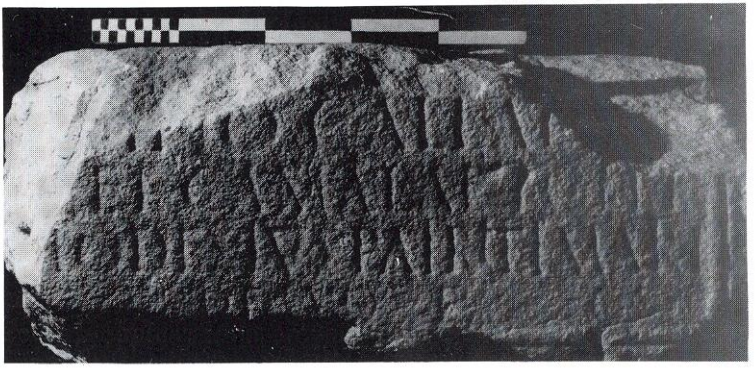
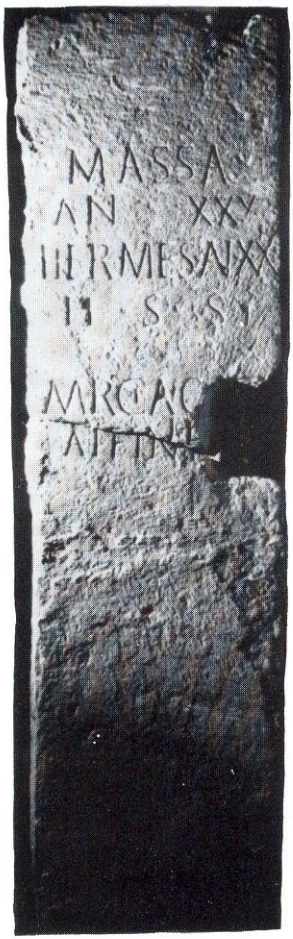


FOTO 177

178

ESTELA FUNERÁRIA ROMANA DE *VALENTIA*

FOTO 178



Estela de caliza gris oscura, partida horizontalmente en dos fragmentos que encajan entre sí. El campo epigráfico, sin enmarcar, ocupa la parte alta de la cara frontal. Las caras laterales y la posterior están simplemente desbastadas. La estela, con remate plano, carece de toda decoración. En la cara frontal presenta dos grandes muescas, afectando la de arriba a las líneas 4 y 5. Ha aparecido recientemente reutilizada en uno de los muros de la llamada cárcel de San Vicente en la plaza de la Almoina. Se conserva, provisionalmente, en la catedral ([1]).

Dimensiones: 133 × 36 × 26.

Massa ·
an(*norum*) · **XX**^{v}
Hermes · **an**(*norum*) · **XX**
h(*ic*) (*hedera*) **s**(*iti*) (*hedera*) **s**(*unt*) (*hedera*)
5 **Marcia** (*hedera*) **C**[$^{ca.4}$]
atfinib[*us*]

Masa, de 25 años, y Hermes, de 20 años, aquí están sepultados. Marcia C., a sus parientes (= cuñados e yernos).

Letras: 5; la V final de la l. 1 mide 2,3 y la I de la l. 4, 2.

([1]) Agradezco al Rvdo. Dr. Vicente Castell las facilidades que me ha dado para el estudio y publicación de la inscripción y al Prof. Dr. Mateo Rodrigo la primera noticia de su hallazgo.

Puntos triangulares en las l. 1-3; *hederae* en las l. 4 y 5. Nexos: AN (l. 3), MA (l. 5), NI (l. 6). En la l. 2 la última V es más pequeña que el resto y va volada. En la l. 5 la I está incluída dentro de la C. T *summa* en la l. 6. La *ordinatio* del texto sigue une eje central de simetría y está muy cuidada. La escritura es capital cuadrada muy profunda y elegante.

El *cognomen* de origen griego, HERMES, y el gentilicio MARCIA son frecuentes en el área de *Valentia*. El *cognomen* de la dedicante, a juzgar por los restos de las letras y por el espacio, podría ser CALE o CHARIS (2). En cambio, MASSA aparece aquí por vez primera en Hispania. Se trata, probablemente, de un nombre celta, ya que las ocho inscripciones en que aparece documentado proceden siempre de áreas celtas (3).

En cuanto a la fonética, hay que señalar la grafía con T en lugar de D en ATFINIBUS (4).

Por el tipo de monumento, el formulario (la fórmula h. s. s.; ausencia de DM y de cualquier adjetivo elogioso) y la paleografía, puede datarse en el siglo I d. C.

JOSEP CORELL

(Universitat de València)

---

(2) En una inscripción de El Puig, población cercana a Valencia, aparece una MARCIA CARI[S]; cf. J. CORELL, *Inscripciones romanas del País Valenciano*, «Saguntum» (en prensa). Podría tratarse de la misma persona.

(3) Como celta es considerado por A. HOLDER, *Alt-Celtischer Sprachschatz* I-III (Leipzig 1894-1916; reimp. Graz 1961/62) II, p. 454; cf. también W. SCHULZE, *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlín, 1904, p. 35 nota 5. En cambio, I. KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsinki 1965, p. 341, lo tiene como *cognomen* latino derivado del nombre común *massa*. El autor se basa para ello en el diminutivo MASSULA y en el hecho de que existen muchos *cognomina* derivados de materias diversas; cf. *ibid.* pp. 338-348. También lo considera como *cognomen* latino E. FORCELLINI, *Totius Latinitatis Lexicon*, Padua 1940, ONOMASTICON II, p. 225.

(4) El uso de T por D era corriente; cf. CIL II p. 1185.